

O CÂNTICO DE SIMEÃO: LUCAS 2,25-35

Paulo Lockmann

Resumo

O artigo visa refletir sobre o Cântico de Simeão, numa abordagem histórico-pastoral libertadora, onde a leitura sociológica se mistura com a compreensão vivencial e pastoral que o texto nos permite abordar, sabendo que este cântico faz parte de um exercício histórico literário de Lucas, que deseja alcançar com a revelação do Evangelho os não judeus. O cântico antes de tudo mostra o interesse de Lucas pelo povo simples. Simeão e Ana são os piedosos, sim, os que esperavam a consolação de Israel.

Palavras-chave: Cânticos. Simeão. Piedoso. Justiça. Consolação. Histórico-pastoral. Salvação.

Abstract

The article demand to reflect on the Song of Simeon in a historical pastoral approach, where the sociological reading mixes with the experiential and pastoral understanding that the text allows us to approach, knowing that this song is part of a literary historical exercise of Luke that he wants to reach with the revelation of the Gospel the non-Jews. The song above all shows the interest of Luke for the simple people. Simeon and Ana are the pious ones, but those who awaited the consolation of Israel.

Keywords: Songs. Simeon. Pious. Justice. Consolation. Historical Pastoral. Salvation.

Ora, havia em Jerusalém um homem cujo nome era Simeão; e este homem, justo e temente a Deus, esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava sobre ele. E lhe fora revelado pelo Espírito Santo que ele não morreria antes de ver o Cristo do Senhor. Assim pelo Espírito foi ao templo; e quando os pais trouxeram o menino Jesus, para fazerem por ele segundo o costume da lei, Simeão o tomou em seus braços, e louvou a Deus, e disse: Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra; pois os meus olhos já viram a tua salvação, a qual tu preparaste ante a face de todos os povos; luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo

Israel. Enquanto isso, seu pai e sua mãe se admiravam das coisas que dele se diziam. E Simeão os abençoou, e disse a Maria, mãe do menino: Eis que este é posto para queda e para levantamento de muitos em Israel, e para ser alvo de contradição, sim, e uma espada traspassará a tua própria alma, para que se manifestem os pensamentos de muitos corações.

1. Introdução: A importância dessa história para o Evangelho

Lucas escreve seu evangelho, lançando mão de personagens desconhecidos nos outros evangelhos. É verdade que isso ocorre em Mateus e João, mas não com a frequência de Lucas. Por que isso ocorreu? Seria, dizem alguns, por este evangelho destinar-se a um universo mais amplo, e assim incluir-se o máximo possível de pessoas? Muitas respostas podem ser tentadas, mas a verdade é que essas pessoas cumprem um papel pedagógico importante. Principalmente nos capítulos 1 e 2 de Lucas, o conhecido Evangelho da Infância. Nele, além de Simeão, nosso personagem, temos Zacarias, Isabel, os pastores, Maria e Ana, a profetiza. Vejamos um pouco de cada um deles.

Zacarias. Enganamo-nos quando imaginamos os sacerdotes de Israel com categorias de hoje, e imaginamos uma condição social e econômica privilegiada para Zacarias. Joachim Jeremias expõe claramente que na prática, do ponto de vista institucional, o trabalho dos sacerdotes no templo se resumia a duas semanas e a três festas anuais de peregrinação. Não discorro sobre elas, mas isso nos dá a ideia de que numa população de cerca de 20 mil sacerdotes (número discutido intensamente pelos historiadores em função do número exagerado de Josefo 120 mil). Assim que, a não ser a elite sacerdotal, a grande maioria deles tinha que buscar sustento para sua família noutra atividade. Esta também seria a condição de Zacarias.

Isabel. Mulher, na realidade de Israel, não tinha grande protagonismo, mesmo sendo mulher de sacerdote, cujo papel social era mais visível. Porém ao incluir Isabel e Maria fora de um ordenamento social, mas numa experiência do cotidiano familiar, Lucas demonstra seu interesse por trazer à luz a relevância das mulheres na economia da salvação. Algo não demonstrado claramente nem por Mateus e menos ainda por Marcos.

Ana, à semelhança de Simeão, adquire um protagonismo que surpreende, pois é tirada dentre os cidadãos comuns e elevada à profeta (*prophetis*). Ana corresponde ao hebraico Hannah, filha de Fanuel (1Cr 4,8), isso pode identificá-la com vínculo de origem na tribo de Judá. O certo é que duas mulheres e um homem comum são trazidos a um papel histórico o que não deixa de ser uma escolha intencional do autor levando a mensagem que para o Evangelho há um lugar relevante a todos que creem e esperam no Messias Jesus.

Simeão, como figura popular, representou, sem dúvida, um rosto muito próximo da comunidade onde Lucas convivia e veio a escrever o Evangelho. Por isso, queremos circular histórica e textualmente entre o que ocorreu em Jerusalém, no Templo, quando se cumprira o tempo da purificação de Maria, trazendo ela o seu humilde sacrifício: uma pomba. A interferência de Simeão e sua profecia, o significado disso para a comunidade de Lucas, por volta dos anos 80, e as nossas comunidades cristãs no início deste milênio.

As perguntas a serem feitas são: Quem era Simeão? E ou: Qual a relevância de Simeão e seu ato para esses momentos históricos?

2. A situação histórica: O que estava acontecendo?

Israel vivia desde 63 a.C., quando da conquista da Palestina pelo general romano Pompeu, sob o jugo romano. Para os religiosos e piedosos de Israel, esta dominação era vista, como se estivessem em um exílio em sua própria terra, pois eram servos (escravos) do dominador estrangeiro, no caso, os romanos. A família de Herodes, assim como a classe dominante do Sinédrio, havia feito acordos com o dominador estrangeiro, de modo a não perderem seus privilégios. Tais acordos foram por diversas vezes ameaçados por diversos movimentos revoltosos, que culminaram com a nomeação de um interventor (procurador) para o território de Judá. E mais tarde, nos anos 60, as guerras judaicas, que culminaram com o cerco e a destruição de Jerusalém no ano 70, conforme fora a profecia vinculada a Jesus. Nesse quadro é que se deve entender as expressões *parasklesis tou Israel* (2,25), “consolação de Israel”, e a expressão *lutrosin Ierusalem* (2,38) na fala da profetiza Ana, que em português é traduzida por redenção de Jerusalém, mas deveria ser por libertação de Jerusalém. Isso significaria que a expectativa do povo era por uma salvação historicamente encarnada; ou seja, do mesmo modo que o filho se fez carne, a sua redenção é para ser vista, sentida e vivida na história.

Desse modo, Simeão, Ana e tantos outros eram intérpretes dos anseios de um povo que entendia que a redenção vem de Deus, mas acontece entre nós, com a nossa participação, e pode ser sentida na vida e na história.

De modo efetivo, Lucas escreve como alguém muito próximo aos acontecimentos, tais como: em julho de 64 Roma é incendiada e os cristãos são acusados e perseguidos; no verão de 66 se iniciam os levantes judeus, que já davam sinais, antes disso. Tais insurreições visavam à libertação do domínio romano.

Estes acontecimentos não se resumiram a Jerusalém e cercania, mas também a Cesareia e em toda Judeia, conforme descreveu Flávio Josefo em sua obra. Como testemunho da repercussão que estes acontecimentos tiveram, registra-se um levante dos judeus também no Egito, razão pela qual Tibério Alexandre, mandatário romano no Egito, mandou matar diversos judeus. Por conta desses fatos, Nero designa Vespasiano e seu filho Tito, para recuperar a ordem na Palestina, em setembro do mesmo ano. No ano seguinte, em 67, Vespasiano, liderando 60.000

homens, consegue reconquistar a Galileia. No decorrer dos anos 67 e 68, os zelotes liderados por João de Giscala, fugido da Galileia, e alguns idumeus se proclamam donos de Jerusalém. O sumo sacerdote Amon e vários anciãos são mortos. Nesse ínterim, Vespasiano ocupa o litoral e o vale do Jordão e destrói Qumran; mas, neste tempo, Nero morre, atrasando com isso o cerco de Jerusalém.

Já no ano 69, vemos Simão Bar Giora e os sicários em Jerusalém; entretanto, Vespasiano domina o restante da Judeia. Os sicários seguem no domínio de Jerusalém. No ano 70, então, Tito conquista Jerusalém.

Uma indicação deste trágico episódio é dada no texto de Lucas 21,20: “Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada de exércitos, sabeis que está chegada a sua devastação”. E mais adiante: “E Jerusalém será pisada pelos povos, até que o tempo das nações se complete” (Lc 21,24).

É nos anos de dominação romana, após a conquista de Jerusalém, que Lucas escreve sua obra, em meio a um ambiente de frustração entre os judeus, abalados com a destruição do templo e da cidade.

Desse modo, a consequente relação histórica com a locução profética de Jesus foi inevitável, e isso se reflete no texto por meio da expressão no prólogo: “para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído” (Lc 1,4). O que está dito aqui é que Lucas deveria identificar, no momento em que vive a Igreja, o que as testemunhas oculares haviam ensinado como “ministros da palavra” (cf. Lc 1,2-4). Lucas enseja uma leitura do processo histórico que envolveu Jesus e os discípulos desde o princípio do Evangelho. Conzelmann mostrou em seu estudo sobre a teologia de Lucas que o evangelista vê um processo histórico e salvífico em desenvolvimento e busca reproduzi-lo.

Notamos que, por isso, há certa preocupação em Lucas de referir-se a elementos históricos, tais como a referência ao censo de Quirino (Lc 2,1-2), a indicação cronológica do sumo sacerdócio de Anás e Caifás (Lc 3,2), a menção à rebelião de Teudas e de Judas o Galileu (At 5,36-37), e à presença da companhia itálica em Cesareia marítima durante o reinado de Herodes Agripa (At 10,1). São indicações cronológicas, ainda que hoje a exegese histórico-crítica conteste a exatidão de algumas delas.

Mas essa experiência de Deus presente, encarnado na fé de um povo, e que move a história e seus acontecimentos na direção da vontade de Deus, nós a conhecemos hoje na assim chamada Igreja do Povo. Algo que, sem idealizar, é a concretude histórica do Evangelho, a Igreja real presente nos bairros e favelas.

3. Considerações pastorais: Quem era Simeão e o que podemos aprender com ele?

Simeão, como o texto nos permite deduzir, vivia em Jerusalém, e sua história tornou-se conhecida e relevante para o cristianismo primitivo. Tanto que

a tradição sobre ele chegou até Lucas e sua comunidade. Insere-se no quadro da sabedoria popular atribuída aos idosos. Cabe considerar o lugar do idoso na sociedade de Israel no século I. Não sempre, mas o mais comum era que o idoso tivesse uma posição de destaque. Como uma forma de ver a vida à luz das coisas práticas do cotidiano, atribuía-se ao idoso o papel de conselheiro, ideal plasmado no Antigo Testamento. Deus ordena a Moisés que reúna os “anciãos de Israel” a fim de preparar os hebreus para a saída do Egito (Ex 3,16). Para celebrar a aliança com o Senhor, Moisés sobe ao Monte Sinai junto com Aarão, Nadab e Abiú e mais setenta anciãos de Israel, constituídos como conselheiros (Ex 24,9-11). O que se sabe é que depois do exílio eles assumem papel mais institucional. Dado ao crescimento do papel da sinagoga, vai caber a eles maior relevância social, visto que aumentam as questões a serem julgadas em face à miscigenação existente, especialmente na Galileia. É bom dizer que para tornar-se Rabi, além do domínio da Lei e dos Profetas, bem como das Escrituras e da tradição dos mestres, a pessoa precisava ser idosa.

Voltando ao nosso texto, destacamos cinco coisas importantes sobre Simeão: a) era um homem justo; b) era piedoso; c) esperava a consolação e a redenção de Israel; d) o Espírito Santo estava sobre ele; e) o Espírito Santo revelara-lhe que não morreria sem ver o Messias do Senhor. Sobre essas características precisamos nos deter, pois elas são a razão pela qual Simeão tornou-se um exemplo e testemunho vivo, que o Evangelho preservou, para edificação da igreja de Lucas, e para nós hoje.

a) O homem justo e a mulher justa

Como no texto estamos num clima de Jerusalém do Antigo Testamento, o melhor exemplo para definir um homem ou mulher justo-justa é o Salmo 1, que por si só nos daria uma aplicação pastoral mais longa; mas só quero destacar alguns elementos:

a.1.) Bem-aventurado o homem ou mulher que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Há um ditado popular que diz: “Dize-me com quem andas e eu te direi quem és”. Essa expressão é verdadeira quando estamos tratando de pessoas cujas convicções de fé e personalidade não estão ainda definitivamente amadurecidas. Jesus andou entre os ímpios e pecadores, mas eles não o mudaram; eles é que foram mudados por Jesus; vejam Zaqueu, vejam Maria Madalena. Nós vivemos numa sociedade onde via televisão, revistas, música etc., os ímpios (maus) entram em nossas casas e dão conselhos a muitos de nós, e mais ainda, aos filhos e netos. Somos demasiadamente liberais e otimistas quanto à capacidade que temos de neutralizar as más influências e os hábitos desta sociedade de consumo, muitas vezes impiedosa. Mas a realidade que temos visto em muitas famílias é exatamente o contrário. A solução não é simplesmente desligar a televisão ou

proibir. Nós também já aprendemos essa lição. A repreensão provoca uma explosão de desejo de liberdade mais cedo ou mais tarde, quase sempre maldirigido, quando não gera pessoas inseguras e doentias.

A solução é dada no próprio salmo: o texto diz que o homem e a mulher justa têm o seu prazer na lei do Senhor e nela medita de dia e de noite. O ensino dos fundamentos da Palavra traz o ensino do caminho do amor e da justiça. Quantos de nós temos atividades regulares que nos dão prazer. E muitas delas foram passadas por nossos pais ou outros familiares próximos. Seja um esporte ou outro lazer qualquer, ou mesmo interesse por uma atividade que veio a tornar-se a nossa profissão, como pintura, música e tantas outras. Eu tenho um prazer muito grande pela leitura, e isso começou no Sul do Brasil, onde temos invernos longos, frios e chuvosos. Meu pai jornalista lia muito e tinha o costume de nos presentear com livros. Antes de completar 13 anos, eu já havia lido diversos clássicos da literatura francesa, inglesa e brasileira. Minha mãe era uma mulher de oração, dezena de vezes eu acordava à noite e ouvia seu gemido em oração de joelhos. Ambos os exemplos desenvolveram relevância, gosto, prazer mesmo, pela leitura e pela oração.

O texto diz que o homem e a mulher justo/justa têm seu prazer na lei do Senhor. Quantos de nós temos esse prazer? Quantos de nós passamos isso aos nossos filhos e ou alunos? A Bíblia diz que esses são bem-aventurados, bem-sucedidos. O restabelecimento da autoridade das Escrituras é o caminho que tem que ser feito na reforma que precisamos hoje na Igreja, independente da tradição histórica em que está inserida.

Concluindo: no Novo Testamento o justo é tudo o que diz o Salmo 1; e mais: foi também remido pelo sangue do Cordeiro Jesus. Sim, nós cremos que o perdão e a nova vida em Cristo Jesus são para serem vividos na justiça, na fé, no justo que é Jesus.

b) Simeão era piedoso

Aqui não é necessário nos determos muito, porque é uma decorrência de ser justo, o ser piedoso. O piedoso, em Israel, era aquele que tinha o temor de Deus. Não como uma obsessão, mas como uma atitude de reverência e adoração. Sim, alguém que como Simeão buscava a Deus pela manhã, buscava a Palavra de Deus, e se empenhava em não pecar contra Deus, e contra o próximo; enfim, cultivava a fé para ser alguém que, como Jesus, ama e serve os sofredores.

Hoje, quando falamos de reverência a Deus, pensamos logo em celebração dominical. No caso de Simeão, tratava-se de uma forma de viver, algo como diz o Apóstolo Paulo: “Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro..., tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso que ocupe o vosso pensamento” (Fl 4,8).

c) Simeão esperava a consolação de Israel

Esta expressão apontava para a fé que Simeão e o povo de Israel tinham em Deus, que haveria de restaurar a Israel, consolando e redimindo conforme as diversas profecias de Isaías (40,1-2; 42,6-7) e de outros profetas. Sim, esperavam o ungido (messias) de Deus, aquele que traria o dia do Senhor, o juízo de Deus sobre os ímpios, libertação e redenção para os que amam e buscam o Senhor.

A consolação ansiada por Simeão e por Israel era uma única esperança: o Messias Jesus. Tratava-se de uma fé na qual Simeão e o povo simples de Israel se alimentavam e consolavam. A classe dominante já tinha suas consolações nas riquezas; mas gente como Simeão esperava a Consolação de Deus. Nós sabemos que a verdadeira consolação só Deus pode nos dar pelo Espírito, movendo corações ao amor e ao compromisso com a luta dos fracos e oprimidos. Dando protagonismo e direito a pessoas como Simeão e Ana.

d) O Espírito Santo estava sobre Simeão

Esta declaração me faz lembrar de uma das páginas mais trágicas do Antigo Testamento. Trata-se do texto onde se fala de Sansão que, depois de desobedecer a Deus, foi traído por Dalila e quebrou a aliança de Nazireu que tinha com o Senhor. O texto é claro: “E disse ela: Os filisteus vêm sobre ti, Sansão! Tendo ele despertado do seu sono, disse consigo mesmo: Sairei ainda desta vez como dantes e me livrarei; porque ele não sabia ainda que já o Senhor se tinha retirado dele” (Jz 16,20). Sansão não havia se dado conta de que o Espírito do Senhor se retirara dele, e com isso perdeu toda a sua força.

Sim, a força de Simeão era a sua intimidade com o Senhor, a qual lhe dera o Espírito Santo. Essa unção do Espírito é a que estava depois sobre João Batista, sobre Jesus, o Messias, a ponto de Ele afirmar conforme profecia: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4,18-19).

A presença do Espírito Santo traz algumas consequências imediatas:

1 – Deus é poder, dele vem a nossa salvação, uma santa e absoluta convicção do poder e soberania de Deus. Todos os apóstolos foram revestidos dessa fé e convicção. Simeão cria no Messias. E todos os mártires da Igreja se sentiram movidos pelo Espírito para dar sua vida pelo povo, pelo evangelho. Certamente o Espírito tem movido lutas iguais por causas justas, como Martin Luther King, Mandela etc.

2 – Uma clareza e discernimento dos planos e propósitos de Deus, assim como das suas manifestações. Isso fez com que Simeão pudesse perceber naquele carpinteiro José, o pai do Messias, naquela mulher pobre Maria, a mãe do Messias, que só podia oferecer uma pombinha em sacrifício por sua purificação,

e naquela criança que eles carregavam e apresentavam no Templo, o Salvador do mundo, o Messias, o Consolador de Israel. Essa sensibilidade, esse discernimento, não foi exercido pelos diversos escribas presentes em Jerusalém e no Templo, tampouco pelos levitas e sacerdotes, mas sim por um homem simples, que tinha uma diferença: o Espírito do Senhor estava sobre ele.

3 – O Espírito Santo nos impulsiona para Deus, nos dá convicção do pecado e anseio de santidade. Ele nos concede dons, como concedeu o dom da revelação a Simeão e Ana, o dom de profecia. Hoje, o Espírito Santo nos dá o dom do serviço e dos diferentes ministérios, muitos deles anônimos, como anônimo ficaria Simeão se Lucas não o tivesse tirado do anonimato.

e) Revelara-lhe o Espírito Santo que não passaria pela morte sem ver o Messias de Deus

Simeão aprendeu a conhecer as promessas de Deus e a crer nelas como algo para a sua vida. Até Deus lhe revelar que veria o Messias, quantas e quantas vezes esse homem idoso orara pedindo a Deus essa bênção? Conhecer as promessas de Deus, crer nelas, e apropriar-nos pela fé de sua mensagem é um processo histórico, onde nós tornamos a Palavra de Deus carne, algo real e concreto para os nossos dias. O mundo em que vivemos está precisando ver e sentir as promessas se concretizando. As novas gerações estão cansadas de belas palavras, de uma piedade cristã sem evidências do poder e cumprimento das promessas de um Deus vivo, que ouve as orações e realiza suas promessas.

O Cântico de Simeão

O texto termina com um cântico de alegria de Simeão pela salvação, já vista por ele como profecia cumprida. Não preciso discorrer sobre elas; o importante é como Simeão chegou a essa alegria e ao exercício da profecia. Sua caminhada de fé, sua maneira de ser nos darão o caminho de um crente que crê nas promessas e toca nas mesmas. Deixemos de assistir os outros tocarem nas promessas de Deus. Toquemos pela confiança na Palavra, e a perseverança na oração. Firmes nas promessas de vida abundante que o Evangelho nos dá.

Reconheçamos as afirmações do cântico propriamente dito:

“Agora” é a certeza e convicção de que, no propósito de Deus, a História da Salvação chegava a seu momento maior, a expectativa havia sido vencida pela certeza. Deus estava cumprindo sua promessa e o Messias veio. A espera de Simeão havia chegado ao fim. Aquilo por que havia acreditado durante toda sua vida agora se realizava. Enfim, chegou o momento *Kairós*.

“Despede o servo teu”. Todos somos movidos por sonhos e desejos, mas nem todos conseguimos alcançá-los. Alguns sonhos até mesmo morrem, e outros novos nascem. Mas são tais sonhos que movem nossa vida. O Evangelho chama ao seguimento e compromisso, e são tais chamados que caracterizam

nossa vocação, seja ela religiosa ou não. A realização humana passa por ter clareza deste sonho e do empenho em alcançá-lo. Simeão tinha esta clareza, e seu sonho de ver a consolação e justiça de Deus sobre sua geração, era fruto do seu compromisso com Deus e com o “coletivo”, a nação de Israel, especialmente a maioria de oprimidos pelo poder herodiano e romano.

“Conforme a tua palavra em paz”. Viver em justiça e piedade é viver segundo a Palavra. A tradição dos atos de Deus e sua lei torna-se o padrão do fiel. É evidente que a Palavra pede compreensão e a compreensão pede interpretação. Fazemos justiça ao texto e ao seu autor quando consideramos sua linguagem, a história e o ambiente social onde surgiu etc. Esta escolha de Simeão de viver segundo a Palavra torna-se a nossa escolha, enquanto herdeiros da Palavra e suas promessas. Tal opção nos garante a construção do *Shalom* de Deus, a Paz. Como sabemos, a paz é um conjunto das coisas fundamentais que constituem a vida cotidiana do povo, desde o nascimento até a velhice, e que garantem os direitos básicos ao ser humano.

“Porque os meus olhos já viram a tua salvação”. Quem traz a libertação e a restauração da nação de Israel é o Messias, o ungido de Deus. A expectativa de todo judeu é algo comunitário, mas que não deixa de ter uma dimensão pessoal; por isso a regência verbal: “meus olhos viram”. Ainda que pessoal, a experiência religiosa adquire uma dimensão comunitária, onde é validada, ou seja, útil a todos. Ela alimenta no coração dos ouvintes e leitores a esperança de um tempo novo.

“A qual preparaste diante de todos os povos”. Em toda história de Israel, a salvação é efetiva à vista por todos os povos. Deus quebra o jugo estrangeiro e a opressão do ímpio para dar testemunho aos povos de que ele é o Deus de Israel, o libertador e o Senhor dos exércitos. Pois fora do Senhor Deus de Israel não há Salvador: “Eu, sou o Senhor, e fora de mim não há Salvador” (Is 43,11).

“Luz para revelação aos gentios e para Glória do teu povo de Israel”. Há um sentido de que a manifestação do Messias haveria de alcançar as nações da terra. Na linguagem de Lucas o Messias é o Salvador do mundo, não é à toa que a genealogia de Jesus reporta a Adão. Há uma alusão às ovelhas perdidas de Israel, o que para muitos pode se referir à diáspora, porém Is 56,6 infere pela inclusão dos gentios: “E aos estrangeiros, que se unirem ao Senhor para o servirem e para amarem o nome do Senhor, sendo deste modo servos seus, todos os que guardarem o sábado, não o profanando, e os que abraçarem o meu pacto”.

Referências

BOVON, F. *El Evangelio Segun San Lucas*. Salamanca: Sígueme, 1995.

CONZELMANN, Hans. *El Centro del Tiempo – La Teología de Lucas*. Madri: Fax, 1974.

- ERNEST, J. *Das Evangelium nach Lucas*. Regensburg: Verlag Friederich Pustet, 1977.
- JEREMIAS, Joaquim. *Jerusalém no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- LACONI, M. *San Lucas y su Iglesia*. Navarra: Verbo Divino, 1987.
- LEIPOLD, J. & GRUNDMANN, W. *El mundo del Nuevo Testamento*. Madrid: Cristiandad, 1973.
- MARSHALL, I.H. *The Gospel of Lucas*. Exeter: Paternoster Press, 1978.
- SCADERLAI, D. *Da religião bíblica ao judaísmo rabínico*. São Paulo: Paulus, 2008.
- SCHWEIZER, Eduard. *Das Evangelium nach Lukas*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1982.